

Prostituição: mancha ou brilho na Idade Média?!

Orientando: Allyson da Silva Prata

Orientadora: Profª Drª. Marinalva Vilar de Lima

“Toda mulher se regozija de pensar no pecado e de vivê-lo.” (*Bernard de Molas*).

Ao tratar de um assunto tão complexo e polêmico como se faz ser a sexualidade, neste caso, em um tema mais específico, a prostituição, é imprescindível que busquemos biografias e fontes que possam nos dar um maior respaldo para análise do referido estudo, e para que, com isso, possamos melhor compreender os caminhos pelos quais seguiu essa determinada prática sexual.

Para isso, acredito que como ponto inicial devemos delimitar a época com qual iremos trabalhar. Como esse trabalho diz respeito à prostituição na Idade Média, me limitarei a tratar do assunto decorrente entre os séculos X e XV. Em segundo lugar, devo proceder que, iremos trabalhar e questionar os discursos que rodeavam não apenas a prostituição em si, mas também todo o meio espacial e temporal que a envolvia.

Desta maneira, para dar continuidade ao nosso estudo, devemos nos atentar para a situação da mulher nesse determinado recorte histórico. Como sabemos, a construção historiográfica em torno do gênero feminino nos leva a uma imagem fragilizada, submissa, maternal e em muitos casos, diabólica. A mulher, em toda a História, teve sua existência relevada sempre a segundo plano, ficando sempre a margem do homem, sendo vista pela forma de inferioridade e perdição. Como descendente de Eva, era considerada como a representante do diabo na Terra.

Com a imagem de Maria, Nossa Senhora, escolhida por Deus para ser a mãe do Salvador, passou a possuir uma índole maternal, redentora do lar e da família, e aquela que faz tudo para manter a felicidade em sua casa. Já sendo relacionada à Maria Madalena, a mulher passou a ser vista como a pecadora arrependida.

Em todos os casos, a mulher ainda carregava o estereótipo daquela que deveria ser mantida sobre vigília, pois deveria ser mantida pura, pela sua própria honra, e pela dignidade da sua família. Sendo assim, nasciam para servir. Quando criança, aos pais, na vida adulta, ao marido. A felicidade de uma mulher, deveria ser o casamento, o qual era de sua responsabilidade, manter-se sólido. Ser mulher, era ser uma boa esposa e mãe. Ser mulher, era se resguardar ao seu silêncio.

Portanto, qualquer mulher que andasse fora dos preceitos criados pela sociedade, e que estavam sendo vigentes em sua família, era marginalizada. Assim aconteceu com as poetisas, costureiras, bruxas, hereges e, naturalmente, as prostitutas, entre outras.

Ao escolher seguir uma vida de *devassidão*, a mulher que caía nas “garras” do sexo, andava por um caminho sem volta. Era renegada pela família, pela sociedade, perdendo qualquer tipo de respeito e consideração por onde passasse. Em alguns casos, quando se arrependiam, ainda conseguiam arrumar um casamento, desde que se comprometessem a não cair mais em tentação. Se voltassem atrás, poderiam ser até condenadas com a própria morte.

As prostitutas, mas que as outras mulheres, eram vistas como o fogo na terra, representantes de satã, mulheres ordinárias. Deviam ser mantidas afastadas de “boa mulheres”, crianças, famílias. Ser visto ao lado de uma prostitua, não era nada bom. E a mancha que a prostituição causava, marcavam a vida das mulheres que se prostituíam por fome, algum tipo de influência, ou simplesmente por querer ser a dona do seu próprio corpo e assim, do seu futuro.

A Idade Média, por ser uma época onde o Cristianismo se encontrava em fortalecimento, foi uma época, onde a Igreja exigiu bastante de seus fiéis. Obviamente, qualquer prática condenada pela mesma sofria sérias punições. E a prostituição, assim como o homossexualismo e bruxaria, por exemplo, eram práticas bastante combatidas pela Igreja e pela *boa sociedade*.

Muitas prostitutas eram acusadas de feiticeiras, pois se alegava que elas enfeitiçavam os homens para assim atingirem os seus objetivos. Fogueiras foram feitas,

mulheres foram queimadas. E a força do discurso marginal ganhava espaço em meio as alegres festas regadas a muitas orgias, bebidas e apropriação do corpo feminino, e não mais imaculado.

Para falar sobre a vida das prostitutas, é preciso que analisemos os poucos registros que podemos dispor sobre a vida e atividades das mesmas. Antes do séc XIII, pouco podemos encontrar sobre o que exatamente fazia naquela época. Porém, ainda assim podemos procurar compreender como era e se dava a prática do sexo pago naquele tempo. Mesmo possuindo poucas informações, temos o necessário para melhor entender a vida no meretrício.

Assim, podemos perceber que no meio rural, a *função* das prostitutas se dava de uma forma desorganizada. Essas mulheres, que geralmente andava em bandos de mendigos, alcoviteiros e aproveitadores, eram oferecidas pelos mesmos de aldeia em aldeia, por onde passassem, tendo a função de cessar a fome carnal dos homens que encontravam pela frente. Muitas delas seguiam os combatentes em guerra, servindo de cozinheiras, enfermeiras e amantes. O consumo de mulheres pelos exércitos foi extremamente grande, onde atingia 25% dos combatentes. Divertiam os soldados e a massa de homens responsáveis pela manutenção da tropa. Para que alguém tomasse proveito do ofício, as mulheres eram coordenadas por um homem, que era conhecido como o "sargento das prostitutas", que as disciplinava para a guerra e dava um jeito de ganhar dinheiro indiretamente com o meretrício. As que ficavam para traz, tinham outras opções: ou ficavam perambulando pelas aldeias, ou eram mantidas em uma "casa de mulheres".

Em outros casos, mulheres eram vendidas pelos alcoviteiros como escravas, e continuavam exercendo a mesma atividade para o seu novo dono. Tratando de algumas exceções, podemos citar exemplos de prostitutas-escravas que após algum tempo no ofício, acabaram por comprar a sua liberdade, e a passar a exercer o papel de cafetina, aliciando outras escravas para o exercício do prazer, visando a sua riqueza pessoal, e sua buscada influência em torno da sociedade.

Distintamente, no meio urbano a atividade sexual era organizada e canalizada para centros de prostituição, na maioria das vezes controlados pelos governos municipais. Nas cidades franceses, além de ser tolerado e protegida_ a um certo ponto_ o meretrício tinha até pontos alugados pelos chefes da comunidade ou pelos burgueses ricos. Haviam prostíbulos públicos, privados (tolerados pela boa sociedade), casas de banho, e demais centros onde a fornicção era praticada. E por mais que fosse uma atividade que

causasse recusa à sociedade, só vinha a crescer em meio às ruas francesas. Ruas estas que eram cuidadosamente reservadas para a fixação dos centros e das preferências sexuais, longe dos olhos das boas famílias.

Na França, existiam vários termos para designar os centros de prostituição. *Borde*, *Bordiau* ou *Bordelet* são alguns dele. Em Portugal, *Putaria* ou *Mancebia*. Já na Alemanha, *Strom*, *Schrefenboss* ou *Glidenboss*. Na verdade não importava o nome que designasse a "casa das mulheres". Lá, em qualquer lugar do mundo, a atividade era uma só: sexo! Oferecer o prazer carnal, em troca de algumas moedas em dinheiro.

A atividade das prostitutas, muitas vezes foram até descritas em obras literárias, como nos textos boêmios de poetas como *Geiler Kaisenberg*, *Panfilio de Gengenbach* ou *François Villon*. Através dessas obras, podemos perceber as noites de erotismo que serviam de cenário para as *cocotis*, as atividades exercidas por elas, e a maneira que se portavam e chocavam os mais conservadores, afastando cada vez mais os bem honrados de sua proximidade.

Essa função, por muitas vezes se dá fora do controle, e era exercida na escuridão da noite, com uma certa sutileza em ruas sóbrias, onde mulheres errantes usavam das mais diversas artimanhas para conseguir atrair seus fregueses ou clientes, a palavra de acordo com o nível social do pagante.

A vida da maioria das prostitutas era difícil, humilhante, e marginalizada. Os discursos religiosos, culturais e sociais denegriam a imagem dessas mulheres, que mesmo praticando uma atividade que há tempos já existia, continuavam sendo vistas com maus olhos por toda a sociedade.

Sua existência, mesmo sendo atacado, de uma certa forma era necessária. Em um certo olhar, a prostituta foi vista como a solução. Isso mesmo! Solução para o casamento, a violência, o homossexualismo. No tocante ao casamento, a prostituição seria como cano de escape para o prazer masculino. Ou seja, como o sexo dentro do casamento só era praticado e aceito apenas com vista à procriação, o homem poderia procurar o prazer fora do casamento. E assim, seriam as prostitutas as "colaboradores" para esse exercício. Assim, podemos definir a prostituição como um "mal necessário".

Em última instância, a prostituição, imoral, garantia a sanidade da sociedade. Em relação à violência, ao perceber-se que os jovens deixavam de fazer arruaças e de cometer estupros com moças de família, quando estavam acompanhados por uma bela jovem desonrada, a mulher vadia foi apresentada como uma saída. Já a prática sexual entre homens, o conhecido homossexualismo, foi menos visto a partir da proliferação

dos centros de meretrícios cheio de mulheres prontas para atender as necessidades masculinas. Continuando com a descrição desse “mal necessário”, não podemos esquecer dos clérigos, pois lembramos que eles viam nas prostitutas um remédio para os prazeres da carne. Portanto, quando interessava a Igreja e a sociedade à permanência das mulheres errantes nas ruas das cidades, ela se fazia presente e bem mais tolerada.

E assim, a venda do corpo feminino ganhava espaço. E as mulheres, perdidas pela vida que levavam, buscavam conseguir algum tipo de compensação. Fosse ele financeiro ou em uma linha de interesses. Daí começaram a surgir casas sofisticadas, freqüentadas pela elite burguesa, enfeitadas por mulheres belas, perfumadas, educadas e elegantes. Comandadas por cafetinas, freqüentavam as confeitarias e praças das cidades, em um certo horário específico, para não ultrapassar o limite imposto pelas damas honradas do meio social.

As prostitutas formavam uma casta de mulheres que eram vistas como aquelas que entregavam o seu corpo por dinheiro, e não por amor, na dissolução do casamento. Não importava o meio pelo qual elas exerciam essa atividade. Se era por fome, miséria, necessidade, opção, etc. de qualquer maneira, eram marginalizadas e pertenciam ao pior grau da sociedade. Eram em sua maioria estrangeiras, provindas de famílias pobres. Iniciavam o ofício por volta dos dezessete anos de idade. Não mereciam convalências. Não deveriam encarar ninguém, e em um certo momento, foram-lhe exigidas uma marca no corpo, para que fossem identificadas, e afastadas. Estavam ali denegrindo o meio social, eram sujas, imundas, intocáveis. Fundamentavam o seu valor moral, o que era totalmente antagônico aos preceitos cristãos, que com muita hipocrisia, a sociedade seguia.

Percebeu-se que a palavra “prostituição” não estava ligada apenas a um sentido promíscuo e nefasto, mas que exercia funções necessárias para a sociedade medieval. Os centros de meretrício também foram de grande importância, pois além de concentrar as cortesãs em um só lugar, se encontrava neles também um ambiente atraente, onde havia sociabilidade, jogos, conversas, bebidas e música. Um lugar alegremente freqüentado por homens da cidade, que estavam à procura de devassidão e diversão.

Concluindo, a venda do corpo por prostitutas, cocotis, meretrizes, putas, mulheres-damas, ou seja qual for o nome criado para designá-las trouxe para a mulher mais uma forma de marginalização, que perdurou por toda a Idade Média, e percorreu por outros séculos seguintes. Apesar de ser uma prática recorrente em toda sociedade, a sexualidade devassa e o erotismo pago, enfrentam diversos preconceitos e denigrem a

imagem pura da mulher, que na contemporaneidade, revestiu-se em um gênero social que busca sua liberdade, seu direito de ser, e a maneira de fazer suas escolhas. Ainda assim, carrega a mancha dos caminhos que resolve seguir, tentando disfarçar com brilho, as atividades que exercem. Repetindo a história daquelas que em tempos passados, também escolheram escrever com tinta de liberdade, a sua própria história.

Prostituir, vem do latim "prostituire", que significa expor publicamente, por a venda, entregar à devassidão. Dela se deriva "prostituta", para designar as cortesãs de Roma que se colocavam à entrada das casas de devassidão.

Referências Bibliográficas

MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto 1990 – (Coleção Repensando a História Geral)

ROSSIAUD, Jacques. *A Prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.